



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Pós-Graduação Lato Sensu em Docência para a Educação Profissional e
Tecnológica

ANA MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA RAMOS

TÍTULO: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS
INDÍGENAS DO POVO AKWÊ XERENTE.

Miracema do Tocantins/ TO

2024

ANA MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA RAMOS

TÍTULO: Um estudo sobre o ensino da Educação Física nas escolas indígenas do povo akwẽ xerente.

Trabalho Final de Curso apresentado Programa de Pós-graduação *Lato sensu* em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Porto Nacional – Campus, polo Miracema do Tocantins, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me(a). Paulo da Silva Paz Neto

Miracema do Tocantins/TO

2024

Aos meus filhos Izak e Igor que acreditam em mim e são meus maiores incentivadores para continuar com meus estudos. Amo vocês com todas as minhas forças.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, se não fosse por Ele jamais conseguiria chegar até aqui.

Aos meus filhos Izak e Igor que é minha fortaleza, neles busco forças para continuar com meus objetivos. Amo com todas as minhas forças.

Ao meu esposo Ediran por estar ao meu lado e cuidar dos nossos filhos nos meus momentos de ausência.

Agradecer minha mãe Maria do Carmo por sempre acreditar em mim e não deixar eu desistir dos meus objetivos e sonhos. Ela é minha rainha meu exemplo de força, dedicação e superação. Amo-te minha mãe.

Ao meu pai José por incentivar a estudar. Amo você meu pai.

Aos meus irmãos Azeilda, Adeilda, Adeilton, Maria e José por sempre me apoiarem, incentivarem e acreditarem em mim. Mana, Nena, Ito, Maria e Dedé como os chamo carinhosamente, vocês não sabem o quanto são importantes para mim nessa caminhada de estudo, não é fácil, mas com suas palavras de incentivos vou contornando os obstáculos e vencendo. Não podia ter irmãos melhores que vocês. Amo todos e tenho muita gratidão por ter vocês em minha. São meu porto seguro.

A minha amora Lutiély, minha amiga e companheira, obrigada pela sua amizade, carinho, você é uma pessoa muito especial que amo muito.

Ao meu amigo Wállacy por sempre me ajudar, incentivar e me apoiar nos meus estudos. Gratidão que Deus o abençoe sempre.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação nessa pós graduação.

A Escola Estadual Indígena Wakõmënkwa, pois, foi nela que realizei projeto de intervenção e agradecer o diretor Edimar Srênõkrã e a coordenadora de área Ravena Elline que me acolheram na unidade de ensino, como também a equipe docente.

Obrigada a todo o povo akwẽ-xerente por me acolher em seu território.

RESUMO

A temática desta presente investigação é o exame acerca da educação física nas escolas indígenas do povo Akwẽ Xerente, observando os paradigmas da educação física e dos aspectos culturais da localidade. Nessa ambientação, está presente pesquisa busca elucidar o seguinte questionamento: quais os elementos culturais presentes na educação física do povo Akwẽ Xerente? Em face do questionamento a ser investigado, tem-se então o objetivo geral de identificar a importância de manter a cultura indígena akwẽ xerente nas aulas de Educação Física. A metodologia adotada para esta análise é na forma da revisão bibliográfica com ênfase qualitativa, isso significa analisar a literatura em face do tema, e, com isso, ser possível verificar a aderência dos estudos em virtude dos objetivos fixados. Considerando a conjuntura do povo Akwe Xerente, é essencial reconhecer os aspectos locais, em observância para com os paradigmas culturais, de modo que a educação física deve observar esses atributos, e, com isso, incorporar nas práticas da disciplina em questão brincadeiras, jogos e demais atividades locais.

Palavras-chave: Educação Física. Akwẽ. Xerente.

ABSTRACT

The theme of this present investigation is the examination of physical education in indigenous schools of the Akwe Xerente people, observing the paradigms of physical education and the cultural aspects of the location. In this setting, this research seeks to elucidate the following question: what are the cultural elements present in the physical education of the Akwẽ Xerente people? In view of the question to be investigated, the general objective is to identify the importance of maintaining the akwẽ xerente indigenous culture in Physical Education classes. The methodology adopted for this analysis is in the form of a bibliographic review with a qualitative emphasis, this means analyzing the literature in light of the topic, and, therefore, being able to verify the adherence of the studies due to the objectives set. Considering the situation of the Akwe Xerente people, it is essential to recognize local aspects, in compliance with cultural paradigms, so that physical education must observe these attributes, and, therefore, incorporate games, games and other local activities.

Keywords: EDUCATION. PHYSICAL. AKWË. XERENTE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de lista de figuras	14
Figura 2 – Exemplo de lista de figuras	14
Figura 3 – Exemplo de lista de figuras	22
Figura 4 – Exemplo de lista de figuras	22
Figura 5 – Exemplo de lista de figuras	23

LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
JETS	Jogos Estudantis do Tocantins
JEITS	Jogos Escolares Indígenas do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 POVO AKWĒ XERENTE: ASPECTOS ACERCA DA HISTÓRIA, CULTURA E POPULAÇÃO	13
2.1 MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR XERENTE	13
2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA.....	18
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA XERENTE	20
3 JOGOS ESCOLARES INDÍGENAS.....	24
4 AS ATIVIDADES INTERVENTIVAS REALIZADAS NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA WAKÕMĒNKWA	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS	32

Eixo Tecnológico: Escola Estadual Indígena Wakõmënkwa

Curso Técnico: Ensino Médio Regular

Disciplina: Educação Física

Tema: Um estudo sobre o ensino da Educação Física nas escolas indígenas do povo Akwẽ Xerente.

Problema de pesquisa: De que maneira os professores indígenas akwẽ xerentes estão ministrando suas aulas de Educação Física para preservar sua cultura a respeito dos jogos e brincadeiras?

Objetivo: Identificar a forma como os professores de Educação Física estão lecionando suas aulas a fim de fomentar a cultura indígena akwẽ xerente.

Objetivos específicos:

Analisar os elementos culturais Akwẽ Xerente integrados às aulas de Educação Física;

Avaliar o impacto da inclusão da cultura indígena nas práticas pedagógicas da Educação Física;

Descrição das principais atividades desenvolvidas:

1 INTRODUÇÃO

No contexto educacional, a preservação e valorização da cultura indígena são fundamentais para promover um ensino inclusivo e integrador. Sendo assim, essa matéria nas escolas indígenas do povo Akwẽ Xerente certamente é algo relevante, de forma que seja possível contribuir com o desenvolvimento integral em face da ancestralidade, dos elementos culturais, bem como da própria observância na promoção física, social, emocional dos estudantes.

Nessa ambientação, esta presente pesquisa busca elucidar o seguinte questionamento: De que maneira os professores indígenas akwẽ xerentes estão ministrando suas aulas de Educação Física para preservar sua cultura a respeito dos jogos e brincadeiras?

Em face do questionamento a ser investigado, tem-se então o objetivo geral de identificar a forma como os professores de Educação Física estão lecionando suas aulas a fim de fomentar a cultura indígena Akwẽ xerente. Com isso, os objetivos específicos são: analisar os elementos culturais Akwẽ Xerente integrados às aulas de Educação Física, avaliar o impacto da inclusão da cultura indígena nas práticas pedagógicas da Educação Física.

Justifica-se esta investigação devido a relevância da identidade cultural do povo Akwẽ Xerente, de modo que a preservação cultural e o direito fundamental para o acesso à educação plural seja algo de fato efetivado, promovendo os valores culturais, a transmissão das tradições e o reforço na autoestima dos discentes. Com efeito, existe a necessidade de compreender a educação física no contexto da viva cultura Akwẽ Xerente nas escolas, de modo que seja uma experiência educacional enraizada na identidade cultural dos estudantes.

O tema indígena xerente representa um assunto a ser contextualizado no ambiente escolar e estabelece um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo atual no ambiente escolar. Além disso, indica uma melhor convivência e diálogo entre os diversos grupos sociais.

A metodologia adotada para esta análise é na forma da revisão bibliográfica com ênfase qualitativa, isso significa analisar a literatura em face do tema, e, com isso, ser possível verificar a aderência dos estudos em virtude dos objetivos fixados.

O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, qualitativa sobre a importância do ensino da Educação Física nas escolas indígenas do povo Akwẽ Xerente. Com base nisso foram realizadas pesquisas na língua portuguesa, a busca foi realizada por meio dos bancos de dados do Google acadêmico e um livro.

Pensando nisso, trabalhar com o que já se encontra registrado de acordo com a história por aqueles estudiosos que apresentaram suas pesquisas antes de mim é um enriquecimento ao conhecimento.

Nessa perspectiva, é importante a produção acadêmica a respeito das práticas corporais indígenas, dos jogos das brincadeiras no sentido de mostrar-se uma possibilidade pedagógica ainda pouco explorada para a educação física escolar.

2 POVO AKWĒ XERENTE: ASPECTOS ACERCA DA HISTÓRIA, CULTURA E POPULAÇÃO

Os Akwē residem no estado de Tocantins, aproximadamente 70 quilômetros ao norte da capital estadual, na área de Tocantínia. Eles vivem em duas reservas: a Terra Indígena Xerente e a Terra Indígena Funil, totalizando 183.245.902 hectares (Schroeder, 2010). Contemporaneamente, os Akwē estão distribuídos em 64 comunidades, 57 na Terra Indígena Xerente e 7 na Terra Indígena Funil, na qual cada grupo indígena tem sua própria maneira de se organizar, o que os torna distintos uns dos outros (LIMA, 2017). Vale ressaltar que este número encontra-se defasado, a espera da divulgação do novo censo.

No que concerne a divisão, o povo xerente basicamente utiliza as divisões, sendo – “Isake (sdakrã ou wairê)” e “Dohi” (siptato ou dói). Dentro do Isake, há os clãs wahirê, krozake e krãiprehi, enquanto no Dohi, existem os clãs kuzâ, kbazi e krito. Nas pinturas corporais, os Isake usam traços como motivo, enquanto os Dohi usam círculos. Além de afetar quem pode casar com quem, essa divisão influencia os rituais, onde clãs opostos, chamados dasiwaze, devem colaborar, seja na nomeação das mulheres ou nos rituais de enterro e do kupre, no qual um lado ajuda o outro. Na política, novamente, as divisões em partes e clãs são importantes, demandando respeito e conciliação nos conflitos entre um lado e outro (XERENTE, 2019).

O autor infere no texto que:

Somos patrilineares, isso quer dizer os filhos pertencem ao pai. O povo Akwē tem seis partidos. Os Ĩptudtêkwa são os donos dos círculos, que são o Krito, Kbazi, e Kuzâ e os Ĩsakedtêkwa são donos das listras, que são Krozakê, Krãiprehi e Wahirê. Então aí tem duas metades diferentes. Ĩptudtêkwa: partidos com pintura corporal com círculos: Krito, Kbazi, e Kuzâ Ĩsakedtêkwa: partidos donos das listras: Krozakê, Krãiprehi e Wahirê. Assim, o partido do Krito tem o círculo maior, depois vem o partido do Kbazi com o círculo médio, e por último vem o clã do Kuzâ é o círculo menor, então consta três partidos. Ao partido Krãiprehi pertence a listra larga, ao Wahirê a listra média e ao outro, Ĩsake, também chamado de Krozake, cabe a listra mais estreita na pintura corporal. Então constam três partidos ou clãs, caracterizados pela pintura corporal em círculo ou listras. Juntando três de cada um, há seis clãs e são dois grandes grupos que tem grande respeito um a outro. (XERENTE, 2020 p. 23).

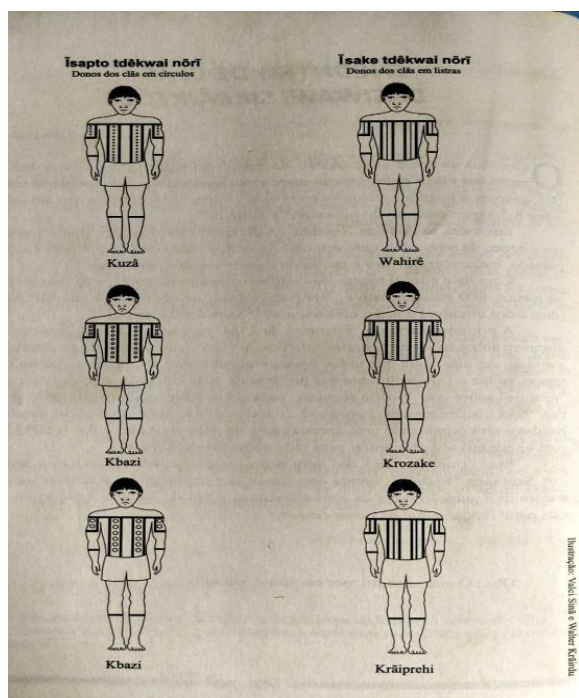


Figura 1- Ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwẽ Xerente
Fonte: Sinã, Valci. E Walter Krãirdu (2012, página 44)

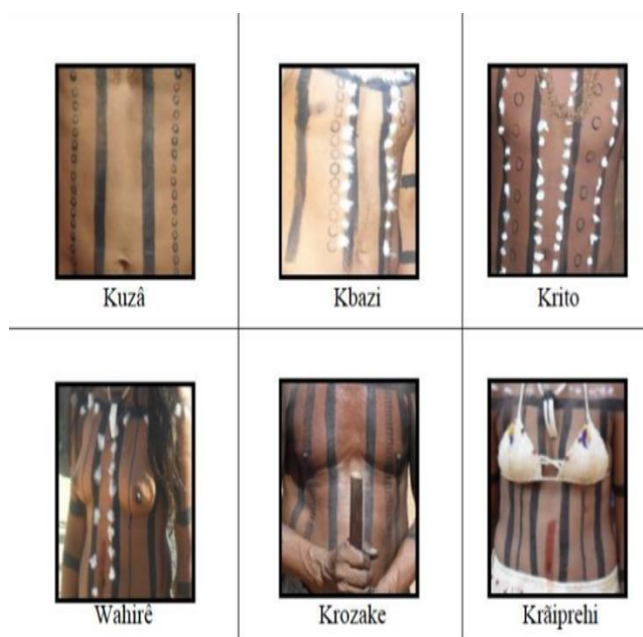


Figura 2- Ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwẽ Xerente
Fonte: Sinã, Valci. Nisizen re hã hesuka (2011, página 18)

Dessa maneira, a cultura Akwẽ xerente demonstra organização e hierarquia, porém, apesar das diferenças internas, as relações sociais acontecem com bastante respeito. A pintura corporal de cada clã é de suma importância para o povo xerente, pois para eles significam a identidade na Nação Xerente, tanto hoje quanto para as futuras gerações, visto que é passado de geração para geração para manter e preservar a cultura do povo Akwẽ Xerente.

Para o povo xerente a pintura corporal é como o registro deles como se fosse sua identidade. De acordo com (THÊKLA, et.al, 2012, p 41) “Significa como nos respeitamos a nós próprios como Povo Xerente, e também diante de outros povos.

Durante um encontro com a comunidade, um ancião Akwẽ, chamado Raimundo Wãikanõse, compartilhou que a população xerente sofreu uma redução drástica: "Antes, havia muitos indígenas nesta terra. Com a chegada dos brancos, vieram doenças e guerras que quase destruíram nosso povo. É isso que nossos mais velhos nos contaram". Esta afirmação parece verdadeira, já que os registros de aldeamentos mostram um declínio na população Akwẽ ao longo do tempo. Em 1851, eram 2.200 pessoas, e em 1987, estimava-se 1.000 pessoas, ao passo que a partir

dos anos 1990, a população começou a aumentar significativamente, alcançando 1.675 pessoas (XERENTE, 2019).

A queda no número de populações indígenas no Brasil, especialmente no caso do povo Akwẽ, demanda uma investigação mais aprofundada. No início dos aldeamentos, os Akwẽ tinham uma população considerável, mas ao longo do tempo, esse número diminuiu drasticamente (LIMA, 2017). Talvez, o crescimento tenha reiniciado com a demarcação de suas Terras Indígenas, afastando a presença de não indígenas.

O governo brasileiro, ao longo do tempo, não respeitou adequadamente as diferenças das populações indígenas. Para abordar isso, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi estabelecido em 20 de junho de 1910, através do Decreto nº 8.072. O SPI tinha como missão oferecer assistência a todos os índios no território nacional (Oliveira, 1947). Foram instalados dois pontos: um na aldeia Rio Sono e outro na Aldeia Porteira. Com o fim do SPI, a Lei nº 5.371 de 5 de dezembro de 1967 criou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com o propósito institucional de proteger e promover os direitos das populações indígenas no Brasil (XERENTE, 2019).

Com o passar dos anos a terra indígena xerente foi demarcada no dia 14 de setembro de 1972, medindo 167.542 hectares, localizada entre o Rio Tocantins e o Rio Sono. A homologação se deu em 09/10/1984. A demarcação da “Área do Funil” foi bem mais tarde. E hoje somos aproximadamente 3.210(três mil, duzentos e dez) Akwẽ Xerente. (THÊKLA, et.al, 2012, p.14)

Somente a partir de 1988 é que a Constituição Federal do Brasil passou a reconhecer explicitamente os direitos dos povos indígenas. O Artigo 231 destaca o reconhecimento dos índios quanto à sua estrutura social, costumes, língua, crenças, tradições e direitos originais sobre as terras que ocupam historicamente, na qual cabe à União demarcá-las, protegê-las e garantir o respeito por seus bens (XERENTE, 2019).

2.1 MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR XERENTE

A legislação que caracteriza as escolas indígenas reconhece os direitos dos povos indígenas, tal como trata nos artigos 210 e 215 da (CF) de 1988, quanto à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições como direito assegurado e inalienável.

Para que seja preservada a unificação dos procedimentos na relação entre Estado e povos indígenas, a Constituição mantém, no seu Artigo 22, inciso XIV, a competência privativa da União de legislar sobre essas populações. [...] O Artigo 210 assegura às comunidades indígenas, no Ensino Fundamental regular, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e garante a prática do ensino bilíngüe em suas escolas. O Artigo 215 define como dever do Estado a proteção das manifestações culturais indígenas. A escola constitui, assim, instrumento de valorização dos saberes e processos próprios de produção e recriação de cultura, que devem ser a base para o conhecimento dos valores e das normas de outras. (RCNEI, 1998 p. 32).

A Educação Escolar Indígena, se encontra amparada pela Constituição Federal (1988) é regulamentada pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) (1998), no qual determina o seu funcionamento e sua estrutura estará voltada a partir de 3 eixos fundamentais: sendo que o primeiro está relacionado com a educação diferenciada, já que é planejada e formada correspondendo aos interesses, necessidades e as particularidades étnico-culturais representativas de cada povo ou comunidade. Já o segundo, o intercultural que anseia estabelecer diálogos em meio as tradições, conhecimentos, culturas e saberes próprios das comunidades indígenas, assim como sua interação com experiências, racionais e práticas das comunidades não indígenas. Em suma, o terceiro é o bilíngüe, uma vez que a (re)produção sociocultural das comunidades indígenas é evidenciada por meio da memória, uso e transmissão de saberes em mais de uma língua.

A ideia de educação escolar é algo novo para o povo Akwẽ. Antes, a maior parte da educação acontecia no convívio com os pais, a comunidade e o Warã, uma espécie de casa comunitária masculina que é fundamental para os Akwẽ. A educação escolar é vista como um projeto de duas faces. Primeiramente, é percebida como um plano vinculado às políticas não indígenas, que busca desfigurar as culturas dos povos indígenas, tornando-se um instrumento de dominação, ao qual também oferece ferramentas aos povos indígenas para reivindicar seus direitos e construir argumentos diante do governo, visando a proteção de seus direitos humanos e indígenas, conforme definido na Constituição Federal, Estatuto do Índio e em normas internacionais (XERENTE, 2019; LIMA, 2017).

Aos poucos, a discussão sobre a educação dos povos indígenas está ganhando mais espaço entre os estudiosos, exigindo análises mais profundas. Por muito tempo, a participação dos povos indígenas foi ignorada, e eles não eram consultados sobre sua própria educação, o que trouxe a implantação de projetos de

educação nas comunidades indígenas pelo governo brasileiro, mesmo sem a participação efetiva desses povos (XERENTE, 2019; LIMA, 2017).

No que tange os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNS (Brasil 1997) apontam a importância de “conhecer e dar valor a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro bem como as características socioculturais de outros povos e nações tomando posição contra qualquer forma de discriminação baseada em diferenças culturais de classe social de crença de sexo de etnia ou características individuais e sociais” (p 7).

O mesmo documento aponta ainda que

A educação física permite que se vivem-se em diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxerguem como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana as danças esportes lutas jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado conhecido e disputado além disso esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e as pessoas que dele fazem parte (Brasil 1997, p 28-29).

No contexto específico do povo Akwẽ, a educação escolar é vista como um método de ensino não indígena. Cada grupo indígena, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, possui seus próprios métodos educacionais desde tempos remotos. Esses métodos educacionais contribuem para as práticas cotidianas indígenas, porém, a introdução da educação escolar nas comunidades indígenas abriu caminho para o acesso a conhecimentos não indígenas, mesmo que eles possam entrar em conflito com os conhecimentos tradicionais (XERENTE, 2019; LIMA, 2017).

O Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas estabelece os alicerces da educação escolar específica para essas comunidades, baseando-se nos princípios de multietnicidade, pluralidade e diversidade, na qual descreve as escolas indígenas como comunitárias, interculturais, bilíngues ou multilíngues, específicas e distintas. A Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação (XERENTE, 2017; BICALHO, 2017).

Na discussão sobre a educação escolar indígena, conhecimentos e culturas indígenas, a legislação tem assumido uma postura favorável aos povos indígenas. A Lei nº 11.645/2008 torna obrigatória a inclusão da temática "história e cultura Afro-Brasileira e Indígena" nos currículos de todas as escolas do país. Além disso, a promulgação da Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho representa um avanço na legislação para promover a educação escolar específica

para os povos indígenas em todos os níveis, assegurando condições equivalentes às da comunidade nacional (XERENTE, 2017; BICALHO, 2017).

2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA

A educação física é a disciplina que possibilita aos alunos uma aprendizagem totalmente diferenciada, tendo em vista que a mesma os jovens brincam, jogam e aprendam através das práticas os conteúdos. Desta forma considera-se que “a educação física escolar está na formação e desenvolvimento juvenil, principalmente enfatizando o quanto pode ser importante à motricidade para o desenvolvimento da inteligência, dos sentimentos e das relações sociais” (FREIRE, 1992 p.15).

Quando se fala em práticas pedagógicas dentro da educação, está ligado ao que o professor tem para oferecer de maneira sucinta e satisfatória para os alunos, conhecimentos que serão divididos e complementados com a aprendizagem que o aluno trás para as aulas no espaço escolar, deve ser levado em consideração e usados, onde o aluno também possui conhecimentos que devem ser agregados e valorizados nas aulas (FREIRE, 1992).

Assim teremos uma educação verdadeiramente voltada para a formação integral do ser humano, papel fundamental de toda escola.

Todavia, estudar aspectos educacionais indígenas requer entender dois recortes: a educação indígena, que se trata da educação tradicional, aquela desenvolvida nas aldeias, passadas através dos ensinamentos dos mais velhos para os mais novos, educação que trata não só de saberes científicos, mas saberes que contribuam para o desenvolvimento da vida, das relações cotidianas, e a educação para povos indígenas, essa segunda sendo a educação direcionada aos conhecimentos científicos fornecidos aos povos indígenas nos espaços escolares e acadêmicos, conhecimentos de cunhos generalizados. (SOARES, 2022, p. 16)

O fato é que as aulas de Educação Física devem ser aplicadas por um profissional graduado na área. Todavia, não é difícil encontrar casos onde o professor que realiza a ministração da disciplina de educação física nem sempre tem a capacitação adequada, bem como a formação.

O PCN coloca que o aluno deverá ser capaz de enfrentar desafios corporais em jogos e brincadeiras, respeitando regras; interagir com os colegas sem discriminar por razões físicas, socioculturais ou de gênero; enfrentar situações de competição respeitando regras; estabelecer relações entre a prática de exercícios e a saúde;

valorizar e vivenciar manifestações da cultura corporal de maneira receptiva (NASCIMENTO, 2019).

Nessa direção, o objetivo da Educação Física escolar é “desenvolver espontaneidade em diversas situações e o desenvolvimento orgânico e funcional, atribuídos a Educação Física, melhoram os fatores de coordenação e execução dos movimentos” (COSTA, p. 16, 2003). Outro ponto é o fato das brincadeiras e jogos realizados na disciplina, de modo que a educação física se diferencia ao de casa pelo fato de ser estruturada em jogos instruídos, ao qual ensina, por exemplo, como movimentar o corpo.

Além disso, o material didático nas aulas da educação física é de suma importância, pois o aluno vivencia e cria diversos jogos, a realidade das escolas em diversos lugares é diferente, não é para todas que chegam os materiais de educação física e esse apoio pedagógico dificulta e deixa lacunas em diversas aulas mesmo com muito professores produzindo seu utensílio de trabalho. Essa falta de material e de acompanhamento da prática pedagógica desses professores evidencia a falta de seriedade e de importância com que a disciplina é tratada em algumas escolas (BRACHT *et al*, 2002).

Em muitas instituições de ensino, a aula de educação física não tem relevância, são tratadas como barulhentas de caráter secundário ou recompensa para atividades intelectuais; ou ainda como horário pedagógico no qual se pode abrir mão para realizar atividades gerais. Como Bracht *et al* (2002) argumentam, ao fazer essa segregação entre desenvolver o físico e o intelecto, a escola não se dá conta de que deixa de cumprir seu papel de formadora de sujeitos preparados para enfrentar as mais diversas situações da vida, sejam elas escolares ou não.

A responsabilidade de humanizar suas ações em espaço escolar torna-se coletivo através dos significados que suas práticas pedagógicas produzem, por agregar espaço/tempo entre educandos/escola e educadores. A prática pedagógica é de extrema importância para que o aluno alcance o ápice do seu entendimento, compreendendo o espaço em que o mesmo está inserido e as bagagens que traz consigo para a escola (BRACH *et al*, 2002).

Portanto, a prática pedagógica não é um material pronto, estar sujeito de conhecimentos da experiência obtidos nos processos de formação docente e na ação

diária, os quais devem passar por ações de reflexões sobre os aspectos culturais, sociais e políticos presentes na sociedade (FREIRE, 1992).

É no ambiente escolar que os jovens conseguem vivenciar as experiências de aprender e de conhecer, pois passa grande parte do tempo convivendo com o professor. Nessa direção, é na escola também ocorre o início da formação e desenvolvimento do adolescente, onde é nesse local que ela vai ter o primeiro contato com a aprendizagem, que será a base para todos os anos de escola que ela terá. A escola não deve pular as etapas do desenvolvimento, isso é extremamente prejudicial e trará consequências futuras nas áreas pedagógicas, emocional ou social (FREIRE, 1992).

2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA XERENTE

Xerente e Andrade (2017) explora as brincadeiras das crianças da comunidade indígena Akwẽ-Xavante, descrevendo como o processo de socialização ocorre através de atividades lúdicas. De acordo com ela, na aldeia, as crianças têm liberdade, não há restrições quanto à onde brincar, conversar, nem quanto ao tempo ou espaço; elas participam ativamente das tarefas domésticas, aprendem habilidades importantes e também se envolvem em rituais. Para a autora, essa liberdade experimentada pelas crianças Akwẽ diariamente ajuda a moldar suas identidades individuais, baseadas nas histórias compartilhadas pelas famílias, nas interações com outras crianças, na tradição religiosa e nas próprias brincadeiras (XERENTE, 2019).

Nessa direção, Xerente (2019) destaca que a brincadeira é uma atividade presente na vida das crianças de todas as culturas, desempenhando um papel crucial em seu desenvolvimento. Essas atividades não se limitam à diversão ou ao mero entretenimento; elas estimulam uma série de aspectos que contribuem para o crescimento infantil.

Em face do brincar, estes é como um conjunto de jogos e atividades lúdicas com base no conceito proposto por (FRIEDMANN, 1996). Escolhe-se essa abordagem porque a definição da autora abarca amplamente esses termos e ajuda a esclarecer o tema deste artigo. Segundo Friedmann, "brincadeira" é um comportamento espontâneo surgido de atividades não estruturadas, enquanto "jogo"

refere-se a uma brincadeira com regras e "brinquedo" é o objeto utilizado para brincar (FRIEDMANN, 1996, p. 28).

Friedmann (1998, p. 30) afirma que a brincadeira faz parte do "patrimônio lúdico-cultural, expressando valores, costumes, formas de pensar e aprendizados". Assim, entender o significado da brincadeira para uma cultura específica, neste caso, para os indígenas, requer compreender como os membros desse grupo constroem explicações, comportam-se e atribuem significados, seguindo uma lógica cultural particular.

Neste estudo, a definição de cultura proposta por Geertz (2008), que a concebe como um modelo tanto "de" quanto "para" a realidade. Para Geertz, esse modelo oferece significados, interpretações, regras e padrões de comportamento para que os indivíduos ajam no mundo, o compreendam e até mesmo o redefinam.

Na ambientação desta presente pesquisa, existem muitas práticas que são adotadas em aulas de Educação Física do povo Xerente. De acordo com o diretor da unidade as modalidades que fazem parte da história do povo xerente são cabo de guerra, arco e flecha, arremesso de lança, natação, corrida de 100 metros, corrida de resistência, corrida de varinha a corrida com a tora. As práticas corporais, por serem expressões ou derivações de valores coletivos, possuem uma lógica estrutural que orienta seu funcionamento produzindo comportamentos, aos quais cabe ao cientista social interpretar.

Os jogos as brincadeiras, os rituais de pinturas corporais e danças indígenas constituem um grande repertório da cultura corporal a ser desenvolvido e contextualizado na unidade de ensino, sendo uma grande contribuição para o contato com um universo de crenças valores, costumes e significados que são desconhecidos no contexto da maioria das comunidades.

Desde o nascimento os indivíduos apreendem a conviver com normas, valores, e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural, técnicas corporais que é ligado ao seu conjunto de expressões.

Contudo, Brengel et al., (2020) trouxe uma investigação interessante sobre diversas brincadeiras locais, entre alguns, o Kmõti (peão), exemplificado a seguir.

Figura 3 - o Kmõti (peão)



Fonte: Bringel et al., (2020).

Este brinquedo, semelhante a um peão, é muito usado para entreter as crianças, ao qual é feito com a fruta do genipapinho e um tipo de palito retirado da palha de buriti. Uma extremidade do palito é mais longa para segurar e girar na mão, enquanto a outra extremidade tem um pino curto que faz o peão rodar (BRINGEL et al., 2020). Nessa linha, existe ainda o Wdêwrakwa, exemplificado a seguir.

Figura 4 - Wdêwrakwa



Fonte: Adaptado de Bringel et al., (2020).

O Wdêwrakwa é feito com madeira para o cabo e a direção, e os pneus são feitos da árvore wampaka (emburuçú). Escolhe-se um cabo flexível com uma ponta em formato de garfo para facilitar o movimento das rodinhas. O volante é amarrado firmemente ao cabo maior com kbawaski (um tipo de cipó nativo), na qual as crianças usam esse carrinho para ajudar os pais a buscar água no rio ou transportar coisas necessárias.

Seu design flexível e adaptável, com um cabo maleável e um volante amarrado firmemente, o que faz com que as crianças o utilizem para auxiliar nas tarefas diárias da comunidade. Inicialmente, o objeto se assemelha a outro que era utilizado para o transporte de itens necessários até o auxílio na busca por água no rio, portanto, o Wdêwrakwa não é apenas um brinquedo, mas um utensílio funcional, o que em certo aspecto promove também a interação das crianças com as atividades do cotidiano da comunidade (BRINGEL et al, 2020).

Há também a Têkwa - Perna de pau, feita com qualquer madeira e suportes para os pés de pedaços de madeira. Os pés são amarrados com kbawaski, mostrado abaixo.

Figura 5 - Têkwa - Perna de pau



Fonte: Adaptado de Bringel et al., (2020).

Ambos os brinquedos se enquadram na categoria de exercício físico e sensorial, bem como de jogo de construção, ao passo que existem outras atividades culturais específicas do povo xerente, ao qual é oportuno a serem inseridos nas aulas de educação física, uma vez que inclui os aspectos característicos xerente, respeitando a cultura local.

3 JOGOS ESCOLARES INDÍGENAS

No Estado do Tocantins é habitual ter os Jogos Estudantis do Tocantins (Jets) para os estudantes de unidades escolares da rede pública e particular de ensino. A competição é dividida em etapas municipais, regionais e estadual.

Já o Jeits só possui a etapa regional e estadual. A etapa regional é que dá classificação para os estudantes disputar a para a etapa estadual, somente os campeões da fase regional vão para a estadual. Portanto, o Jeits é uma maneira dos povos indígenas preservar sua cultura, pois os jogos são específicos para eles.

O Jogos Escolares Indígenas do Tocantins – Jeits foi realizado na capital Palmas, já é sua segunda edição, e a maioria das provas aconteceu na praia da Graciosa, somente o futebol foi disputado em outro local. Vale ressaltar que o Estado têm oito etnias: Karajá, Karajá Xambioá, Javaé, Xerente, Apinajé, Krahô, Krahô-Kanela, Avá-Canoeiro (Cara Preta) todas se reúnem para disputar o Jeits.

Os Jeits têm como objetivo expor, por meio da prática desportiva, a cidadania indígena, a integração entre os povos, o intercâmbio de valores culturais, incentivando as práticas esportivas comuns entre as comunidades indígenas e não indígenas, além das próprias modalidades presentes nos grupos que originalmente ocupam o Estado do Tocantins.

Vale mencionar que as práticas ao qual fazem parte dos Jogos Escolares Indígenas do Tocantins são: Arco e Flecha; Corrida 100 metros rasos; Corrida de Varinha (revezamento 4x100 metros); Corrida de Resistência 3.000 Metros-Maculino; Corrida de Resistência 2.000 Metros – Feminino; Corrida com Tora; Futebol Society; Arremesso de Lança; Luta Corporal; Natação e Cabo de Guerra (JESUS, 2023).

Elas são divididas por idade, as provas que os adolescentes de 15 a 17 podem praticar são: Arco e Flecha; Arremesso de Lança Corrida de Resistência 3.000 metros-Maculino; Corrida de Resistência 2.000 metros – Feminino; Corrida com Tora; Luta Corporal; Natação.

As provas que os adolescentes de 12 a 14 anos podem participar são: Corrida 100 metros rasos; Varinha (revezamento 4x100 metros); Futebol Society e Cabo de Guerra. Alguns esportes não são praticados por mulheres, como a luta corporal, arremesso de lança e o arco e flecha.

Os povos usam diferentes materiais para fazer flechas, como bambu conhecido como taquaral ou caninha. A forma das pontas varia conforme as técnicas de cada grupo. Algumas flechas são mais longas e têm pontas serrilhadas, na qual outras têm pontas feitas da própria madeira da flecha.

A Corrida de Tora é uma prática com vários significados para o povo Xerente, que vive numa vasta área de Cerrado em Tocantins, na qual tem uma importância social, religiosa e esportiva, seguindo rituais tradicionais, como exemplificado a seguir.

A Corrida de tora na aldeia é diferente dos jogos escolares. Sempre são usadas duas toras praticamente idênticas. Os corredores se dividem em dois grupos e apenas um atleta de cada time carrega a tora, revezando-se no percurso. As corridas vão de fora para dentro da aldeia, com pontos de largada e chegada no pátio de uma casa especial chamada woto, que é um local para atividades culturais, sociais e políticas (SOARES, 2017). A tora para a mulher (pikõ) pesa em torno de 40 a 50 quilos e para homens (ambã) pesa de 80 quilos pra cima.

No Jeits as toras tem pesos diferentes, pois são adolescentes de 15 a 17 que participa da prova corrida de tora e para as meninas o peso é de 20 quilos e para os meninos é de 30 quilos.

Essas corridas acontecem ao amanhecer e ao entardecer, geralmente no fim das tardes, quando voltam de atividades coletivas como caça ou agricultura, ao qual estão presentes em rituais, festas e momentos de diversão. Em certos rituais, as toras simbolizam significados mágico-religiosos. Pela manhã, a corrida é mais como exercício, correndo apenas com toras já usadas ao redor das casas, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio (FUNAI, 2010).

Quando cortam essa madeira, há um ritual com cantos e danças. A madeira é cortada em cilindros iguais e cavada nas extremidades para facilitar o transporte. As toras têm tamanhos diferentes dependendo do ritual, pesando de 2 a 120 quilos, onde algumas são até deixadas no rio para absorver água e ficarem mais pesadas, como visto nos Jogos dos Povos Indígenas (FUNAI, 2010).

A competição começa com um sorteio entre duas equipes, usando um sistema de eliminatória simples até chegar a um vencedor. Em caso de empate, há uma terceira largada, determinada por sorteio, e, é importante notar que não há participação feminina nessa prova (FUNAI, 2010).

A corrida de tora é mais do que um simples passatempo cultural; é uma atividade lúdica que mantém a essência cosmológica e ajuda a moldar a interação deste povo com o mundo ao seu redor. Para os Akwẽ-Xerente, essa corrida é uma tradição vital que ainda está presente em suas vidas hoje em dia, fortalecendo sua identidade indígena e dando significado às celebrações culturais e à maneira como vivem (SOARES, 2017).

Na aldeia, a corrida de tora e o futebol se tornam atividades centrais, cada uma em seu momento específico. A corrida de tora é celebrada durante o dasipê, carregada de tradição e significado histórico. Já o futebol se integra à vida diária da comunidade, representando uma expressão moderna que ocupa um lugar proeminente no coração da aldeia (SOARES, 2017).

Os jogos também proporcionam a divulgação e a valorização das culturas indígenas por meio dos esportes praticados especificamente por eles. Dessa forma, favorece a união, o respeito faz com que valorize seus aspectos etnoculturais (JESUS, 2023)

4 AS ATIVIDADES INTERVENTIVAS REALIZADAS NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA WAKÕMËNKWA

Nos dias 18 de novembro e 08 de dezembro de 2023 realizei uma visita na Escola Estadual Indígena Wakõmënkwa, no primeiro dia fui observar a aula de Educação Física, conversar com o diretor da unidade, coordenadora de área e docentes para explicar sobre o projeto que pretendia realizar na unidade de ensino.

A Escola Indígena Wakõmënkwa fica localizada na região do Rio Sono na aldeia Riozinho, na qual é ofertado Ensino Fundamental anos iniciais, anos finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) 2º segmento para a população xerente.

A intervenção foi realizada na aula do professor Marcilino Kasuwamri de Souza, conversando com o docente ele relata *“que nas aulas ele sempre procura preservar e manter a cultura nas suas aulas, por que acredita que a cultura tem que ser passada de geração para geração”*.

Na conversa com a equipe da unidade escolar foram solicitados os materiais indispensáveis para realizar a intervenção. No 08 de dezembro, chegando lá iniciou-se aula com uma conversa para conhecer os estudantes e ouvi-se a opinião para saber quais brincadeiras e jogos gostavam mais e por onde eles queriam começar. A preferência foi pelo cabo de guerra. Iniciada a brincadeira com o cabo de guerra, as demais crianças que estavam na escola se juntaram e todos participaram. Depois fomos para a corrida de tora, as meninas correram com uma tora de buriti de 20 quilos e os meninos com uma de 30 quilos, esses pesos são para adolescentes, pois para o adulto o peso é maior. A corrida é formada por um grupo de 4 estudantes que vão se revezando durante o percurso, demonstrando uma incrível força e resistência. Após isso, uma pausa para descansar alguns minutos e tomar água, pois estava bastante quente no dia.

Partiu-se, então, para o arco e flecha, organizou-se o peixe que é feito de isopor – quando não tem o isopor eles fazem com papelão – e fizeram marcações para pontuar onde a flecha acertaria.

A próxima escolhida foi a corrida de varinha, essa brincadeira é muito simples: formou-se grupos de quatro pessoas e pegou-se uma varinha para fazer a troca, assim eles correm e se revezam entre a equipe.

No turno matutino, o último jogo foi o arremesso de lança. Essa é uma atividade individual e o objetivo é arremessar a lança o mais longe possível.

Na parte da tarde, no rio na aldeia Sangradouro Suprazado, os estudantes foram praticar a natação no Rio Sono, que é outra atividade individual. Depois da natação veio a corrida de 100 metros.

Só não foi realizada a corrida de resistência porque já estava anoitecendo e aldeia Riozinho é distante e ficaria tarde para retornar até Miracema do Tocantins.

No final questionou-se o que os estudantes tinham achado da intervenção realizada por uma “professora não-indígena (Ktâwanõ - Branca)”. Alguns estudantes relataram que gostaram da aula, já que as brincadeiras e jogos fazem parte da cultura deles, consideraram interessante ser ministrada por uma pessoa de fora do seu convívio e gostam quando tem novidades na aldeia. Percebeu-se que alguns indígenas ainda são muitos tímidos, de pouca conversa, mas alegres e que gostam de brincar, de sorrir, um povo acolhedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância ao exposto, percebe-se que a educação física certamente é algo positivo, de forma a aprimorar diversos aspectos das crianças, entre alguns a memória, a atenção, a percepção, as habilidades psicomotoras, a criatividade e a socialização das crianças. Durante as brincadeiras, elas adquirem capacidades essenciais para o desenvolvimento físico e mental, como aprimorar a concentração, cultivar vínculos afetivos e melhorar a capacidade de foco.

Este estudo destacou a relevância do uso da educação física para com o povo Xerente, evidenciando seu impacto em face dos aspectos culturais em consonância com os interesses da Educação Física Escolar. Nessa linha, observou-se que as atividades promovem o desenvolvimento habilidades, coordenação motora e interação social, sendo uma metodologia dinâmica.

Nessa perspectiva, foi possível refletir sobre o ensino de educação física e os desafios enfrentados pelos professores indígenas em sala de aula na manutenção e preservação da cultura em relação a jogos e brincadeiras da cultura Akwê Xerente. Além disso, foi possível enxergar a importância da Educação Física como disciplina presente no currículo escolar e o papel do professor na aplicabilidade dos conteúdos de educação física em uma unidade de ensino indígena, a partir das principais abordagens sobre as particularidades da educação escolar indígena no estado do Tocantins

Com isso, considerando a conjuntura do povo Akwe Xerente, é essencial reconhecer os aspectos locais, em observância para com os paradigmas culturais, de modo que a educação física deve observar esses atributos, e, com isso, incorporar nas práticas da disciplina a questão das brincadeiras, jogos e demais atividades locais.

Portanto, de um modo geral percebe-se que a educação física escolar é positiva no desenvolvimento integral do ser humano, estimulando a criatividade e promovem uma convivência harmoniosa com os outros, fomentando a socialização de forma saudável. Consequentemente, o brincar nas aulas também foi algo colocado como oportuno e não deve ser subestimado, pois é um caminho para o crescimento e o conhecimento, bem como um meio valioso para a autonomia e o desenvolvimento positivo.

Por fim, com essa intervenção, apreendeu-se que os anciãos e caciques tentam preservar e manter sua cultura, passando seus ensinamentos para os mais jovens para que estes não percam sua essência, seus costumes, seus valores e suas crenças.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rômulo F; HENRIQUE, Carlos G. Grossi; ZANESCO, Angelina. **Atividade Física na Infância e na Adolescência Promove Efeitos Benéficos na Saúde de Adultos.** 2009. Disponível em:<http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2009_06/a2009_v22_n06_03aorfernandes.pdf>
- BRACHT, V. et al. **A prática pedagógica em educação física: a mudança a partir da pesquisa ação.** Revista Brasileira das Ciências do Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002.
- BICALHO, P. Soares dos Santos. **O reconhecimento indígena em perspectiva: Os Akwê Xerente e os não indígenas de Tocantínia-TO.** Revista Territórios E Fronteiras, Vol. 10. n.1. 2017.
- BRINGEL, D. Araújo et al. **Brinquedos, jogos e brincadeiras Akwê-Xerente.** Revista Pensar a Prática. v. 23. 2020.
- COSTA, Allan J. S. **Finalidades e objetivos da educação física escolar.** 2003. Disponível em:< <http://efartigos.atspace.org/efescolar/artigo1.html>>
- FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Scipione, 1992.
- FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** 4ª ed. São Paulo: Abrinq, 1996.
- GRANDO, B. Saléte; SOARES, K. Cristina Pires. **Caça às krenti: criando corpo e infância entre os Akwê-Xerente.** Crítica Educativa, Vol. 2. n.2, 2017.
- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LIMA, L. G. Bernardo. **OS AKWE-XERENTE NO TOCANTINS: território indígena e as questões socioambientais.** 2017. Disponível em:<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042017-082645/publico/2017_LayannaGiordanaBernardoLima_VCorr.pdf>
- NASCIMENTO, A. Santos do. **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.** Educar FCE. Vol. 18, n. 01. 2019.
- SANTOS, J. Célio Furtado dos. **DISCURSO AKWE-XERENTE OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO TEXTUAL VOLTADOS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA.** Rev. SOLETRAS. n.10. 2005. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4550>>

SILVA, J. Barbosa; CABRAL, A. Suelly Arruda Câmara. **O ENSINO DE LÍNGUAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DE ONTEM E DE HOJE: O RETRATO DAS ESCOLAS INDÍGENAS YAWALAPITI, AKWE?-XERENTE, XAVANTE, SURUÍ-PAITER, GUAJAJARA E GUARANÍ-KAIOWÁ DO SÉCULO XXI.** Revista Sentidos da Cultura. Vol. 5, n.9. 2018.

XERENTE, Afonso Tiikwa et al. –a corrida de toras curtas e longas entre o povo Akwê Xerente no Dasĩpê-festa cultural. 2020.

THÊKLA, S. W. – Povo Akwê Xerente. Vida, Cultura e Identidade. Editora Rona: Belo Horizonte, 2012.

XERENTE, Dinalice Souza. **A organização social do povo Akwê-Xerente: uma aproximação em Serviço Social.** 2019. 50 f. Monografia (Graduação) - Curso de Serviço Social, Campus Universitário de Miracema, UFT, 2019.

XERENTE, Edimar S. Calixto; ANDRADE, K. dos Santos. **A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NA ESCOLA WAKÕMÊKWA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS.** Vivências em Educação com Indígenas e Quilombolas I. v. 4

ANEXOS



Estadual Indígena Wakõmekwa





Arco e flecha





Corrida de varinha



Cabo de guerra



Corrida com tora



Rio Sono



Foto do Jeits